



PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Juliane Cavalcante da Silva (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Marina Silva da Cunha (Orientador), e-mail: mscunha@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Sociais Aplicadas/Maringá, PR.

Área: Economia

Subárea: Economia dos Recursos Humanos

Palavras-chave: participação feminina, mercado de trabalho, emprego.

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro no período mais recente, identificando sua tendência e possíveis determinantes. A base de dados a ser utilizada foi a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Assim, verificou-se que em 2001 a participação feminina era de 41,87% no mercado de trabalho e em 2014 ficou em 43,99%. Foi possível observar ainda que as mulheres com maior nível de escolaridade participam mais do mercado de trabalho. Além disso, ainda há um diferencial de renda significativo entre os homens e as mulheres no país.

Introdução

O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho é um fenômeno observado no cenário nacional. Segundo o relatório do Banco Mundial (2011), que trata da igualdade de gênero, em 2008, as mulheres já representavam mais de 40% da força de trabalho no mundo.¹ Além disso, mudanças nos salários das mulheres e na renda familiar estariam afetando a decisão da mulher de trabalhar fora de casa.

¹ A participação da mulher no mercado de trabalho é menor no Oriente Médio e no Norte da África, onde atinge 26%, e maior no Leste Asiático e Pacífico, com 64%, segundo o Banco Mundial (2011).





Para Scorzafave e Menezes-Filho (2001), entre os determinantes desse aumento estariam o aumento do nível de escolaridade e da idade média das mulheres. Porém, embora se observe uma tendência positiva na proporção de mulheres na população economicamente ativa, esta ainda se encontra em um patamar abaixo do verificado entre os homens. Segundo Borjas (2011), o principal determinante do aumento da participação de mulheres na força de trabalho nas últimas décadas são as mudanças na taxa salarial. Para o autor a decisão de participar da força de trabalho seria devida não apenas ao aumento do salário de mercado, mas também ao declínio do salário reserva das mulheres, que seria aquele patamar salarial em que o indivíduo é indiferente entre trabalhar e continuar procurando um emprego.

Esta pesquisa se insere neste contexto, em que se busca identificar os possíveis limites para essa tendência de crescimento da participação da mulher no mercado brasileiro, bem como seus determinantes.

Materiais e métodos

Nesta pesquisa são utilizadas as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE), do início do século XXI, mais precisamente dos anos de 2001 a 2014.

Resultados e Discussão

A participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro, no que se refere ao início do século XXI, mais especificamente aos anos de 2001 a 2014, veio apresentando crescimento anual de 0,38%. Este fato pode ser visto através da evolução da população economicamente ativa (PEA), quanto ao sexo.

A partir dos dados da PEA do sexo feminino por grupos de idade, observa-se que a maior concentração da mulher economicamente ativa se encontra nos grupos de 20 a 29 anos e dos 30 aos 39 anos. Entre os grupos de idade de 20 a 29 anos, a participação relativa das mulheres ainda é inferior à dos homens. O mesmo ocorre para os grupos de idade de 30 a 39 anos.





Quanto à população ocupada, as mulheres aumentaram a sua participação relativa, chegando a 23,37% em 2009, enquanto que a maior ocupação masculina se deu em 2011, atingindo 32,14%. Pode-se dizer que a diferença entre a ocupação feminina teve oscilação de 6,55%, enquanto a ocupação masculina teve oscilação de 4,58%. Assim, percebe-se que a ocupação feminina obteve um aumento relativamente maior do que a ocupação masculina, entre o período analisado.

A partir dos rendimentos mensais ao longo dos anos e suas classificações nota-se que, a partir da média relativa dos rendimentos, 3,95% dos homens recebiam até meio salário mínimo, enquanto 4,81% das mulheres recebiam este mesmo rendimento. Entre meio salário mínimo a um salário mínimo, 9,85% dos homens recebiam nesta faixa salarial, enquanto 8,92% das mulheres recebiam na mesma faixa.

Na faixa de um a dois salários mínimos, a diferença aumenta, pois 17,77% do rendimento relativo médio dos homens se enquadrava nesta classificação, enquanto apenas 12,44% das mulheres encontrava-se com estes rendimentos. Assim, para médias relativas das classes de salários, tem-se: 8,21% dos homens e 3,77% das mulheres recebem de dois a três salários mínimos; 6,36% dos homens e 2,92% das mulheres recebem de três a cinco salários mínimos; 4,10% dos homens e 1,96% das mulheres recebem de cinco a dez salários mínimos.

Entre os ramos de atividade do trabalho principal feminino destacam-se o: comércio e reparação, a educação, saúde e serviços sociais e os serviços domésticos.

Com os grupos de anos de estudos, por sexo, foram escolhidos os três grupos em que se concentra a maior parte da população ocupada, ou seja, em que se dão as maiores porcentagens da população ocupada neste âmbito. Nota-se que de 4 a 7 anos de estudo, os homens apresentam uma participação relativa maior do que as mulheres ao longo dos anos. O mesmo ocorre para os estudos de 8 a 10 anos e de 11 a 14 anos, porém com menor diferencial.

Estes resultados estão de acordo com os resultados obtidos por Soares e Izaki (2000), segundo o qual, mudanças na composição educacional das mulheres levam a um aumento da taxa de participação, e por Scorzafave e





Menezes-filho (2001), que também verificaram forte relação entre escolaridade e participação.

Conclusões

Os resultados da pesquisa sugerem que apesar de a participação da mulher estar aumentando nos anos analisados, ainda há uma significativa diferença entre os gêneros. Apesar da proporção de mulheres estar crescendo em cada uma das variáveis analisadas, ainda é relativamente menor quando comparadas as proporções masculinas, seja na inserção dos ramos de atividade, dos anos de estudo, dos rendimentos, das condições de ocupação e até mesmo da própria PEA.

Agradecimentos

Agradecimentos, ao CNPq, pela bolsa de iniciação à pesquisa, e à professora Marina Silva da cunha, pela orientação e auxílio no trabalho.

Referências

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2012, visão geral: igualdade de gênero e desenvolvimento**. Washington: Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e Banco Mundial, 2011.

BORJAS, G. **Economia Do Trabalho**: 5.ed. São Paulo: AMGH, 2001, p.46-49.

SOARES,S; IZAKI,R.S. A participação feminina no mercado de trabalho. **Estudos Sociais do IPEA**. Rio de Janeiro, dezembro de 2012, 22 p.

SCORZAFAVE, L.; MENEZES-FILHO, N. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evolução e determinantes, **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 31, n.3, p. 441-478, 2001.

